

Natrix natrix (Linnaeus, 1758)

Cobra-de-água-de-colar

Culebra de collar, Grass Snake

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

A ampla distribuição da cobra-de-água-de-colar motivou a descrição inicial de nove subespécies com base em caracteres morfológicos (Mertens, 1947, 1966). Mais tarde, Thorpe (1984a, b, c) realizou um amplo estudo morfológico da espécie e propôs reduzir o número de subespécies para quatro. Destas, duas são exclusivamente insulares (*Natrix natrix corsa*, na Córsega, e *N. n. cetti*, na Sardenha) e as outras duas continentais, distribuindo-se na zona ocidental (*N. n. helvetica*) e oriental (*N. n. natrix*) do continente Eurasiático. As populações africanas também se incluíam em *N. n. helvetica*.

O limite entre as duas subespécies continentais situar-se-ia numa franja que iria de norte a sul, desde o mar do Norte (Hamburgo, Alemanha) até ao mar Adriático (Veneza, Itália). Segundo Thorpe (1979), as duas subespécies continentais ter-se-ão formado durante as glaciações do Quaternário, partindo cada uma delas de refúgios pleistocénicos distintos. Para Kabisch (1997), este complexo cenário filogeográfico deve ser revisto. A subespécie que ocupa toda a Península Ibérica é *N. n. helvetica*, embora a nível intra-subespecífico também exista grande variação morfológica, especialmente na região dos Pirinéus (Thorpe, 1984a). Recentemente, Guicking et al. (2006a) propuseram uma nova filogenia para o género *Natrix*, com *N. maura* como espécie basal e *N. natrix* e *N. tessellata* como espécies irmãs que teriam divergido há cerca de 13 a 22 Ma. A forma ancestral destas últimas estendia-se pela Europa e Ásia, mas durante o Mioceno a sua distribuição teria ficado separada em duas áreas devido à formação do Paratethys. No norte, estas populações originariam *N. natrix*. A posterior expansão para sul, incluindo a colonização da Córsega e Sardenha, terá acontecido como consequência das fortes flutuações climáticas e da Crise Messiniana, originando as formas subespecíficas reconhecidas actualmente.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A distribuição global da cobra-de-água-de-colar é muito grande, estendendo-se desde a Europa Ocidental até ao lago Baikal. Na Europa, é um dos ofídios cuja distribuição atinge maior latitude, alcançando o paralelo 67° na Escandinávia, embora as populações

mais setentrionais da Suécia possam estar extintas (Kabish, 1997). No Sul da Europa, ocupa as três grandes penínsulas mediterrânicas.

No limite sul da sua distribuição tem populações relictuais em Marrocos (Atlas Médio e Rif), Argélia e Tunísia (Bons & Geniez, 1996; Schleich et al., 1996; Fahd & Pleguezuelos, 2001; Brito et al., 2008). Na Península Ibérica, a sua distribuição é ampla, embora descontínua, especialmente no sul, onde a maior aridez ambiental restringe a espécie, de hábitos fundamentalmente aquáticos, aos meios mais favoráveis como massas de água estáveis e limpas (Braña, 1998; Santos et al., 2002b). A norte, pelo contrário, sobretudo no quadrante Noroccidental da Península, onde a pluviosidade é maior, a espécie é abundante (Crespo, 1972a; Galán & Fernández, 1993).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, a cobra-de-água-de-colar distribui-se por todo o território continental embora siga padrões distintos no Norte e no Sul. Na região eurosiberiana, a sua distribuição é praticamente contínua. Pelo contrário, na região mediterrânica, especialmente nas áreas mais áridas do Alentejo, a sua distribuição é descontínua e pode considerar-se uma espécie mais escassa. É, por isso, mais frequente em áreas de altitude média e elevada (acima dos 400 m) do que baixa. No entanto, distribui-se desde o nível do mar até aos 1875 m, na Serra da Estrela.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

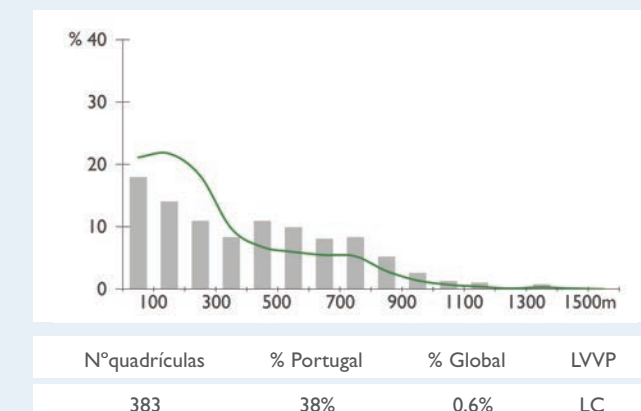
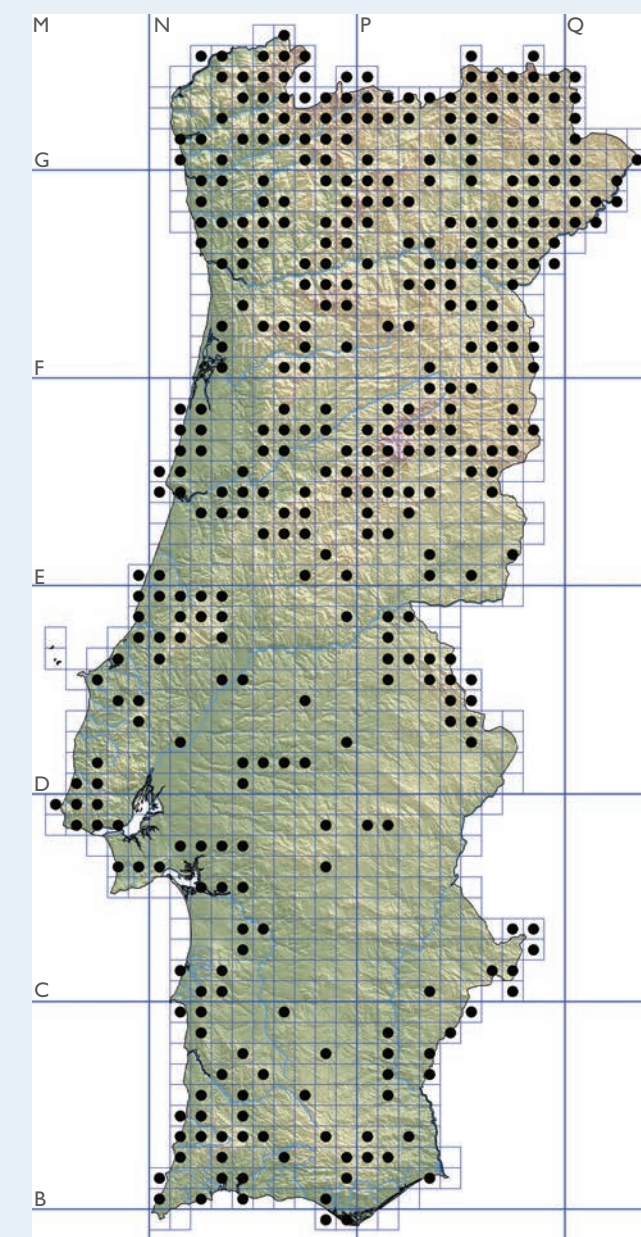
Por ser uma espécie muito dependente da água, é vulnerável à contaminação ou desaparecimento dos meios aquáticos, especialmente no que se refere às populações do Centro e Sul de Portugal, onde está mais ligada a zonas húmidas.

O desaparecimento de pontos de água, tanto naturais como artificiais, devido às alterações dos usos agrícolas e pecuários tradicionais fragmenta e isola muitas das suas populações.

No Norte é uma espécie muito ubíqua, sendo frequentemente vítima de atropelamentos e do uso de pesticidas. No Centro e Sul a baixa densidade e o isolamento das populações aumentam a sua vulnerabilidade e comprometem a sua conservação. Nestas zonas,

a cobra-de-água-de-colar requer uma vigilância especial no sentido de assegurar a protecção dos seus reduzidos núcleos populacionais.

Xavier Santos



PhG



AS



AS